

Zuleika de Paula Bueno

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 18: FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS E PROFSOCIO: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E PRÁTICAS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Cultura visual na formação docente em Ciências Sociais

Belém, Pará

2023



RESUMO

A comunicação Cultura visual na formação docente em Ciências Sociais tem por objetivo explorar as articulações possíveis entre a educação da cultura visual e a formação de professores/as para o ensino de sociologia na Educação Básica. Essa comunicação tem por referência as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas há mais de uma década na formação docente na Universidade Estadual de Maringá, tanto em disciplinas de didática e metodologia de ensino quanto no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docências (PIBID). Ela apresenta também os resultados de uma recente investigação de estágio de pós-doutorado realizada sobre o tema junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina. O que o trabalho com imagens e as reflexões sobre a cultura visual podem proporcionar ao processo formativo de professores/as de sociologia e às práticas de ensino da disciplina na Educação Básica? A partir desta questão, apresento a proposta de trabalho com a/r/tografias.

Palavras-chave: Cultura visual, Ensino de Sociologia, Metodologia de pesquisa, A/r/tografia.

INTRODUÇÃO

O que o trabalho *com* imagens e as reflexões sobre cultura visual podem proporcionar ao processo formativo de professoras/es de sociologia e às práticas de ensino da disciplina na Educação Básica? A partir desta questão, apresento a proposta de comunicação *Cultura visual na formação docente em Ciências Sociais* com o objetivo de explorar as articulações possíveis entre a educação da cultura visual (ILLERIS, ARVEDSEN, 2016) e a formação docente para o ensino de sociologia. Essa comunicação tem por referência as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas há mais de uma década na formação docente de cientistas sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM), tanto em disciplinas de didática e metodologia de ensino quanto no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O texto apresenta também os resultados de uma recente investigação de estágio pós-doutoral realizado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), na qual foram explorados os recursos da narrativa a/r/tográfica.

¹ Docente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - PR, zubueno@hotmail.com.



METODOLOGIA

A *a/r/t/ografia* é uma das diversas metodologias de Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA). Ela se desenvolve no entrelaçamento entre o fazer artístico, científico e docente, daí a sua denominação, derivada da expressão em inglês: *A(rtist)/r(eserch)/t(each)er)graphy*, cunhada pela arte educadora canadense Rita Irwin (IRWIN, 2023). Colocar a criatividade à frente do processo de ensino e estabelecer relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento é o ponto central da PEBA (DIAS, 2023). Seu objetivo não é tanto o de explicar acontecimentos ou chegar a conclusões que generalizem ou resolvam questões educacionais ou sociais, mas o de sugerir sentidos ainda não explorados e novos modos de ver tais questões e acontecimentos. Nesse sentido, a própria concepção do que é pesquisa é colocada em discussão pela PEBA, uma vez que as perguntas de investigação nem sempre estão no início do processo, mas podem ser construídas ao longo da criação, invertendo a lógica de que as perguntas conduziram a pesquisa estabelecida (MARIN-VIADÉL; ROLDÁN, 2019). Nessa forma de investigação, as questões de pesquisa, os processos de trabalho, os dados construídos, os resultados obtidos, as formas de divulgação e circulação não se constroem como etapas distintas e sequenciais, mas como processos simultâneos e constantes. Assim, as narrativas *a/r/t/ográficas* não seguem uma metodologia fechada e pré-estabelecida, podendo explorar diversas técnicas, processos e enfoques, propondo formas evocativas, imaginativas, metafóricas, ampliando o panorama de conotações e interpretações sobre as ações educativas. É uma “Pesquisa Viva”, como definiu Rita Irwin (2023, p.31), vinculada com a vida de quem cria, pesquisa e ensina. Como uma prática de pesquisa educacional que considera a arte não apenas como objeto mas como próprio meio de investigação, a *a/r/t/ografia* produz textos e artefatos visuais, poéticos e estéticos que buscam dar forma a “(...) experiências e relações que normalmente são tornadas invisíveis pelas maneiras tradicionais de dar conta das evidências e análises que servem de fundamento à narrativa de investigação” (HERNÁNDEZ, 2023, p.43).

Embora seja uma metodologia intimamente relacionada à arte educação e ao ensino das Artes Visuais, a *a/r/t/ografia* dialoga de modo muito próximo com os modos de produção do conhecimento nas Ciências Sociais, como já destacou Fernando Hernández (2023), sobretudo com os modos que colocam as narrativas no centro da análise. A proximidade, porém, não é apenas metodológica, mas também epistemológica. Desnaturalizar o olhar é um dos objetivos dos processos educativos que envolvem *asa/r/t/ografias* e as visualidades. Em



outras palavras, as imagens não são apenas representações de fenômenos sociais, mas elas próprias devem ser tomadas e estudadas como um fenômeno social e como tal devem ser abordadas por meio de fundamentação teórica consistente, sistematização metodológica, rigor conceitual e criatividade interpretativa na formação de cientistas sociais.

O desejo em construir uma narrativa a/r/tográfica surgiu do trabalho conjunto com do Pibid Interdisciplinar, conduzido entre os anos de 2020 e 2022, junto aos cursos de História e de Artes Visuais da UEM. O desejo, de fato, existia antes, mas com o Pibid ele adquiriu nome e forma. Foi no campo dos estudos de cultura visual que encontrei o suporte para desenvolver metodologias de ensino que combinassem criação, investigação e ensino nas pesquisas sobre ensino das Ciências Sociais. Essas investigações se aprofundaram na realização do estágio pós-doutoral na UEL, realizado entre os meses de agosto de 2022 e maio de 2023.

A partir da supervisão dos estágios e ouvindo os relatos de experiências de ensino nas escolas, fui me dando conta que nas práticas didáticas cotidianas os profissionais da Educação Básica mobilizam, sempre que possível, recursos visuais e audiovisuais na construção de suas aulas. Contudo, as trajetórias formativas dos docentes de sociologia acontecem, de um modo geral, bastante distanciadas dos estudos de cultura visual e da problematização dos fenômenos e eventos visuais. Esse distanciamento conduz a apropriações de imagens em sala de aula apenas como recursos de ilustração ou associação a algum conteúdo verbal. As imagens acabam, deste modo, sendo tomadas de forma naturalizada em processos pedagógicos que pretendem, contraditoriamente, desnaturalizar a vida social. Constatação semelhante foi apontada por Thaís Blank, Vivian Fonseca e Thiago Pereira (2019) no que se refere às práticas didáticas com imagens por professores e estudantes de história. Apenas em poucos e pontuais momentos do processo formativo dos futuros docentes destas áreas as imagens e os eventos visuais são submetidos à investigação de maneira sistematizada e teoricamente orientada² e ainda mais raro é elaborar um pensamento sócio antropológico *com* as imagens e não apenas *sobre* elas (TOURINHO, 2009). Endereçar questões para as imagens é um modo de construir problemas e metodologias para o trabalho docente *com* imagens na compreensão sociológica da realidade. Pensar *sobre* as imagens visuais é refletir criticamente sobre as apropriações e usos que fazemos de artefatos culturais, como as fotografias e os filmes.

2 A questão referente ao lugar das imagens na formação docente dos cientistas sociais foi debatida anteriormente durante a apresentação do trabalho “Aproximações entre arte-educação e o ensino de sociologia” no Grupo de Trabalho (GT 05): Dialogando com as ciências humanas: Experiências práticas de formação docente e interdisciplinaridade” durante o 7º Eneseb, ocorrido de modo remoto, em julho de 2021. Durante o debate o grupo constatou a inserção bastante tímida de estratégias e momento de observação, fruição, leitura e problematização de imagens durante a formação na graduação de Ciências Sociais, tanto para bacharéis quanto para licenciandos.

Pensar *com* imagens é colocar-se de forma criativa como produtores desses artefatos, é relacionar-se com o mundo pela mediação e experimentação das imagens a fim de “(...) inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva” (MIGLIORI, PIPANO, 2019, p.38). Como uma investigação sociológica, a a/r/tografia é um exercício de pensar *sobre* o mundo *com* imagens.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

Douglas Harper, sociólogo norte americano e adepto do uso de representações visuais nos estudos sociológicos, afirma que compreender o mundo por meio de pinturas, vídeos, desenhos ou fotografias envolve processos intelectuais distintos daqueles que mobilizam as palavras e os números (HARPER, 2012, p.4). Segundo ele, não se trata de hierarquizar os processos, mas de reconhecer suas diferenças e explorá-las teórica e metodologicamente. Pensar visualmente, ele defende, leva a novas descobertas e novos insights (HARPER, 2012, p.56). Talvez nem todos os objetos e nem todas as questões sociológicas possam ser investigadas visualmente, pondera Harper. Por outro lado, ele provoca, algumas questões somente podem ser estudadas por meio de uma abordagem visual (HARPER, 2012, p.56). Isso significa dizer que dependendo do problema de pesquisa construído, e das perguntas norteadoras formuladas, os elementos visuais podem se tornar componentes essenciais da investigação sociológica. Investigar com as imagens, afirma o pesquisador espanhol Fernando Hernandez, pode mostrar relações sociais que de outro modo permaneceriam invisíveis (HERNANDEZ, 2012, p.198).

O mundo contemporâneo, observa Gillian Rose (2001), é “renderizado” visualmente. Isso significa dizer que a maneira como interagimos e dialogamos com o mundo se dá a partir da presença constante das imagens visuais. Somos socializados com, a partir, em meio, a um vasto conjunto de artefatos visuais. Socializar-se, pelo menos há um século, é socializar-se num ambiente intensamente povoado pelas imagens midiáticas, pelas gravuras de panfletos comerciais, pela composição estética e visual das vitrines das lojas, das embalagens, das páginas das redes sociais, além das expressões visuais realizadas por coletivos feministas, pelos movimentos negros, pelas populações indígenas, pelos ativistas LGBTQI (BALISCEI, 2020; BORRE, 2020; BRUM, 2020). Em outras palavras, as imagens afetam e transformam nossa relação com o mundo (MIRZOEFF, 2002; TOURINHO; MARTINS, 2011). De tal



modo, afetam também os processos educacionais. Parte dos acontecimentos históricos do século XX e XXI, por exemplo, se deram como eventos visuais e geraram imagens que se tornaram parte dos repertórios sociais e subjetivos de apreensão do mundo, tanto em seus processos de solidariedade, partilha e diversidade quanto nas formas de violência, sofrimentos, resistências e lutas políticas. O pensamento da cultura visual, portanto, se articula com o pensamento social, cultural e político (MIRZOEFF, 2011).

De modo bastante geral, os estudos de cultura visual constituem um conjunto intrincado de contribuições de diversas áreas - história da arte, estudos literários, sociologia, antropologia, estudos culturais, estudos *queer* - que problematizam a construção cultural do olhar e dos eventos visuais. Hernandez destaca que mais do que por seus objetos, os estudos da cultura visual se caracterizam pelos percursos metodológicos utilizados para analisar e interpretar as “práticas culturais do olhar e os efeitos desse olhar sobre quem vê” (HERNANDEZ, 2011). A cultura visual seria, nessa perspectiva, uma referência para situar debates e metodologias, nem sempre convergentes, mas diferentemente interessados em compreender as formas culturais e históricas das visualidades (HERNANDEZ, 2011).

Referência neste debate, Hernandez define sua abordagem como construcionista em oposição às leituras essencialistas de imagens que focam os artistas e suas obras como sujeitos e produções autônomas, independentes de valores e determinações sociais. Artistas, obras e espectadores, destaca o autor, participam da construção de olhares, discursos e representações hegemônicas e contra hegemônicas sobre as classes sociais, raças, etnias, gêneros e sexualidades. Ele adota essa estratégia com o intuito de evidenciar que

“(…) as imagens não caem do céu, mas são produzidas em contextos – interacionais, históricos, institucionais e discursivos, entre outros. Portanto, as histórias transmitidas por imagens e narrativas visuais são artefatos sociais que nos contam histórias sobre a sociedade e a cultura, bem como sobre uma pessoa e um grupo” (HERNANEZ, 2012, p.203)

Esta construção é o que define a noção de visualidade, a saber, a visão socializada (HERNÁNDEZ, 2005, 2007, 2011, 2012; ILLERIS; ARVEDSEN, 2016; MARTINS, 2012; SARDELICH, 2006). Assim entendida, a visualidade é inseparável dos processos de socialização e interação, mas também das relações de poder e dominação. Neste ponto, vale destacar que visão e visualidade se relacionam, mas não se confundem. Visão é uma capacidade fisiológica de diversos seres vivos. Visualidade, como já afirmei, se refere ao modo como a visão é construída histórica, social e culturalmente (FOSTER, 1988; ROSE,



2001). Helene Illeris e Karsten Arvedsen desdobram ainda mais essa definição e apresentam as noções de fenômenos e eventos visuais (ILLERIS: ARVEDSEN, 2016, p.25), que me parecem bastante pertinentes na constituição teórica desse debate.

Fenômenos visuais pressupõe situações e objetos com os quais nos relacionamos conscientemente por meio da visão, seja uma apresentação em sala de aula, um espetáculo de rock ou uma exposição em um museu. Deste modo, defendem Illeris e Arvedsen, os estudos de cultura visual não se preocupam apenas com as imagens (representações bidimensionais), mas com uma variedade de fenômenos geradores de eventos visuais. Tais eventos, por sua vez, se referem a interações complexas estabelecidas entre observador e observado e são sempre espacialmente, temporalmente e socialmente situados (ILLERIS: ARVEDSEN, 2016; MIRZOEFF, 2002;2011).

A educação da Cultura Visual , portanto, traz os debates dos estudos de visualidades e de seus pressupostos teóricos para as diferentes práticas e modalidades de ensino e práticas docentes (HERNANDEZ, 2007). Ela se apresenta como um espaço de investigação e de invenção de relações pedagógicas que deslocam os sujeitos, propõem novos posicionamentos diante das manifestações visuais e das práticas artísticas (BORRE, 2020). Ela tem como proposta, em outras coisas, incorporar as imagens, visualidades e artefatos do cotidiano nas experiências educativas (TOURINHO; MARTINS, 2011; BRUM, 2020).

Durante a condução do Pibid Interdisciplinar, conheci os trabalhos de Luciana Borre Nunes, artista, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco. No livro *Bordando Afetos na Formação Docente* (2020) ela reúne relatos e reflexões sobre a formação de professores na área de artes por meio de experimentações performáticas, bordados e fotografias. Descobri com esse trabalho a potência da a/r/tografia na reflexão sobre os processos de formação docente e nas “experiências de autoconhecimento como propulsor de processos de criação” (BORRE, 2020, p. 148).

E foi assim, inspirada por essa leitura feita em meio a tantas outras e à bagunça das anotações rascunhadas na tela e sobre a mesa, que encontrei numa caixa guardada na estante do escritório, possíveis pontos de contato entre as teorias e inquietações, metodologias e recursos de investigação: minhas fotografias escolares. E durante a pesquisa pós-doutoral passei a trabalhar com essas fotografias. Tirei diversas cópias delas. Recortei, pintei, digitalizei, voltei a cortar, combinei com imagens diversas, comecei a explorar tais imagens a partir da questões colocadas num dos diversos artigos de Fernando Hernández abertos da tela



do computador. “O que eu vejo de mim nessa representação visual? O que diz essa imagem de mim? Como essa representação contribui na minha construção identitária – como modo de ver-me e ver o mundo?” (HERNANDEZ, 2011). Segui no trabalho de colocar perguntas àquelas imagens, buscando referências também nos debates sobre os processos plurais de socialização que faziam parte das minhas leituras. Seria possível investigar o meu próprio processo de formação docente com daquelas fotos? Como mobilizar as fotografias escolares, e sobretudo os retratos, nos processos de formação docente junto aos meus estudantes? O que eu poderia descobrir sobre as minhas disposições e meu patrimônio individual de socialização olhando para aquelas fotos? O que as fotos dizem e escondem sobre essas múltiplas socializações? Seria possível construir com aqueles retratos o meu retrato sociológico? Seria possível, num processo de ensino e aprendizagem, construir retratos sociológicos uns dos outros com o uso das imagens pessoais? Eu descobriria alguma coisa sobre o modo de me fazer docente ao olhar atentamente para aquele modo em que eu fui feita e me fiz como aluna? O que dizem as imagens sobre nós que as olhamos? – pergunta Hernandez. Diversas outras perguntas se desdobram a partir dessa. Que tipo de intercâmbio estabelecemos com as imagens? De que modo essas imagens vivem dentro e fora de nós? Seria possível olhar uma foto e enxergar nela parte do passado incorporado, das disposições ativadas ou inibidas nos diversos processos de socialização?

Conforme destacam Illeris e Arvedsen, não são apenas as obras expostas nos museus que podem gerar “conhecimento, sensibilidade, experiência estética, qualidades analíticas ou outras potencialidades” (ILLERIS, ARVEDSEN, 2016, p.27). “Coisas miúdas”, como as fotografias escolares podem ser investigadas por meio de uma perspectiva curiosa, atenta e estética. “Na pedagogia da cultura visual, todas as narrativas visuais são consideradas igualmente relevantes, até mesmos as ‘menores’ (ILLERIS, ARVEDSEN, 2016, p.27). Por serem objetos visuais comuns a grande parte das pessoas que passaram por algum processo de escolarização, não é incomum que as fotos escolares, de tão familiares, raramente são observados ou analisados. E no processo das fotografias elas expressaram toda essa potencialidade de sentidos. Consegui por meio do trabalho *com* essas imagens articular todo um conjunto das imagens de referências que constituíram meu processo de formação docente. Utilizo esse termo tendo por referência a definição do pesquisador Lucas Pacheco Brum (2020). Em seu estudo sobre ensino da cultura visual, Brum afirma que os estudantes (e os professores) trazem para o espaço escolar seus próprios repertórios, “(...) imagens que são importantes e significativas e que, de alguma forma, produzem sentidos e experiências em

suas vidas cotidianas” (BRUM, 2020, p.5) Tais imagens não devem ser tomadas como banais e devem ser reconhecidas nas relações de poder e saber que operam processos de identificação e subjetivação. Conforme propõe o pesquisador, as imagens de referência devem ser consideradas nas práticas de ensino e aprendizagem. O reconhecimento dos repertórios imagéticos estudantis leva ao reconhecimento dos repertórios de imagens dos próprios docentes e ambos podem ser intercambiados e incorporados em processos circulares de reconhecimento, troca e presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso olhar para as imagens e contestá-las, colocá-las nas aulas e no ensino de sociologia não para ilustrar conceitos, mas para gerar leituras do mundo. Em outras palavras, é preciso pensar sociologicamente *com* as imagens e assim construir um trabalho docente que incorpora as potências imaginativas e reflexivas que o encontro das investigações da cultura visual com as ciências sociais é capaz de proporcionar.

REFERÊNCIAS

- BALISCEI, J. P. **Provoque**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. Rio de Janeiro: Metanóia, 2020.
- BLANK, T.; FONSECA, V.; PEREIRA, A. História e ensino através de imagens. In: MAIA, J.M.E. [et al]. **Como você ensina?** Educação e inovação no ensino de História e Ciências Sociais. Editora FGV, 2019 [recurso eletrônico].
- BORRE, L. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020.
- BRUM, Lucas Pacheco . Imagens de referência e sua potência pedagógica no ensino de Artes Visuais. **Visualidades**, v. 18, p. 1-19, 2020.
- DIAS, Belidson. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em Artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2023, p. 21-28.
- HARPER, Douglas. **Visual Sociology**. New York: Routledge, 2012.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, F. La cultura visual como estrategia que posibilita aprender a partir de establecer relaciones. **Instrumento**: Revista de Estudos e Pesquisas Educacionais. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18768>. Acesso em 24 de novembro de 2022.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFMS, 2011.

HERNÁNDEZ, F. A Investigação Baseada nas Artes: propostas para repensar a pesquisa em educação. In: DIAS, B.; IRWIN, R. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria, RS: UFSM, 2023, p., 41-70.

ILLERIS, H.; ARVEDSEN, Karsten. Fenômenos e eventos visuais: reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2016, p.23-49.

IRWIN, R. A/r/tografia. In: DIAS, B.; IRWIN, R. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria, RS: UFSM, 2023, p. 29-40.

MARIN-VADEL, R.; ROLDÁN, J. MARÍN-VADEL, R. A/r/tografía e Investigación Educativa Basada en Artes Visuales en el panorama de las metodologías de investigación en Educación Artística. **Arte, Individuo y Sociedad**, 31(4), 2019, p. 881-895.

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. **Cinema de brincar**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MIRZOEFF, N. The subject of visual culture. In: MIRZOEFF, Nicholas (ed). **The visual culture reader**. London: Routledge, 2002, p.3-23.

MIRZOEFF, N. **The right to look**: a counterhistory of visibility. Duke University Press, 2011.

TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Editora UFMS, 2009, p. 141-156.

TOURINHO, Irene ; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual.
In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). **Educação da cultura visual:
conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFMS, 2011, p. 51-68.

